

A saúde de Brasília

17 JAN 1983

A Organização Mundial de Saúde acaba de reconhecer a antecipação do Distrito Federal, em dezoito anos, na redução da taxa de mortalidade infantil para três por cento. E que o índice caiu de 33,5 por mil, para 28,9 entre 1982 e 1981, em termos de primeiro ano de vida.

Lembre-se que a média nacional é de cem por mil, subindo para 250 no Nordeste.

O Secretário de Saúde, Jofran Frejat, credita a melhora à criteriosa aplicação do Plano de Saúde, inclusive desafogando com quarenta centros o afluxo aos grandes hospitais, a melhor técnica de medicina social no mundo. Com resultados positivos não só em favor do atendimento, quanto do próprio barateamento e rapidez da atenção dispensada a enfermos ou carentes.

Quanto tempo para enfrentar esta realidade...

Toda vez que se fala em combate à inflação, os primeiros cortes são nas áreas de educação e saúde, as irmãs pobres do orçamento, como se fosse possível desenvolvimento sem trabalhadores sadios e competentes... Todos os eventuais desperdícios na aplicação das verbas existentes apenas recomendam maior racionalização.

Temos de sair do ponto nacional, sobretudo nordestino, em que nos encontramos. O Nordeste apresenta níveis sociais equivalentes ao Haiti em nosso continente. A periferia inchada de algumas capitais nordestinas tem índices quase iguais até dos de Bangladesh. Não se pode mais continuar assim. A vitória do PDS, naquele região, é talvez o último rebate de alarme, pedindo socorro. O nordestino sabe que não tem condições de viver Sem Governo Federal, mas por desespero pode acabar Contra. O que não será a primeira vez. Ali não têm faltado inclusive separatismos. Por menos viáveis que se tenham tornado. E será desagradável novo protesto.

Ainda temos tempo.

Não que uma vitória do PMDB seja necessariamente contestatória. Há também muitos oposicionistas moderados no Nordeste. O difícil

será separá-los dos radicais na hora da desilusão.

Maior racionalidade na aplicação das verbas do Ministério da Saúde, reconhecemos sua urgência, sem com isto subestimar a importância dos resultados igualmente urgentes em favor das populações. Para isto, os governadores, não só do Nordeste, deveriam apresentar projetos viáveis, exequíveis, de aplicação rigorosa. Nada mais de clientelismo, pois esse tempo já passou ou está passando.

E uma das vantagens de Brasília. Aqui não estamos sujeitos ao carreirismo politiqueiro, com o Poder federal muito perto. Ele pode ajudar a planejar e controlar melhor.

Nem assim devem os estados ignorar o perigo que correm. As contradições sociais começam a ser resolvidas por saúde e educação, irmãs gêmeas, preparadoras do futuro cidadão trabalhador. Descaso por elas implica, mais cedo ou mais tarde, incômodas repercussões políticas, com ou sem eleições. Daí sua urgência, em última instância.

Que o Distrito Federal também nisto se transforme num laboratório, não só um museu de arte então vanguardista. Mostre-se em Brasília a viabilidade do Plano de Saúde. E de outros projetos sociais.

E possível a solução dos nossos problemas, basta ter afinco.

O país move-se, de qualquer modo.

Ninguém consegue mais detê-lo.

Tanto se ignorou a importância da saúde e educação, que chegamos aos atuais níveis de marginalidade e criminalidade, produto final do despreparo da mão-de-obra, requerendo muito além da mera alfabetização, ainda assim incompleta.

Em Brasília se comprova a possibilidade de saídas. Não se trata de maior proporção de verbas e sim de melhor aplicação. Não tem havido solução de continuidade na administração do Governo do Distrito Federal. Pelo contrário, vem compondo uma unidade orgânica.

Daí os êxitos, modelares para o Brasil. E não se trata de burrismo. São as estatísticas que falam.